

Outros Autores Portugueses

Vasco Graça Moura
Por Dólar de Magrela

Vicente Esmilgado
O Carmo de Lisboa

José Luís Peixoto
*Combate de Plano
Café*

Nelson Odeh
Alto

Alberto Xavier
A Gata 1146

Pedro G. Rosado
Cidade de Alentejo

Manuela Gomes
Minha Casa Grande - Amor Cantado

Osório de Almeida
Avonturas de um Navegador



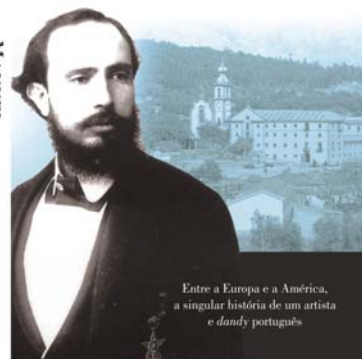
Romance biográfico ou biografia ficcional, *Os Passos da Glória* conta-nos a história aversatosa de Afonso de Queiroz Ribeiro, Conde de Santa Eulália, um escritor português pouco conhecido do grande público, mas com um percurso profissional e pessoal notável, dividido entre a Europa e a América. Centrada nesta figura culta e cosmopolita, a narrativa visita momentos cruciais da sua vida e obra: os seus anos de formação em Paris, em finais do século XIX, onde se cruzou com grandes nomes da escultura — como Rodin, Puçch ou Saint-Gaudens — e da literatura — como Eça de Queiroz ou Emile Zola; a sua breve e polémica passagem por Lisboa, onde encontra figuras tão distintas como Fialho de Almeida, o Duque de Palmela ou o príncipe Rei D. Carlos; a sua ida para os Estados Unidos, o consulado em Chicago e o seu burocrático casamento em Filadélfia com um dos partidos mais coligados da América — a viúva do multimilionário e filantropo John B. Stevens, dono da maior e mais famosa fábrica de chapéus do mundo; e, por fim, mas não menos importantes, as alegrias e as penas inerentes ao processo criativo.

Da efervescência financeira de Paris ao conforto luxuoso da *jet set* de *la elite* americana, da devoção e empenho artístico dos primeiros anos a um certo dandismo na idade madura, do reconhecimento público à detração de crítica, da sensibilidade ao pragmatismo, da antipatia à desilusão, este romance dramatiza de forma exemplar os conflitos e as contradições de um homem carismático, controverso e mal compreendido, ao mesmo tempo que traça o retrato de uma época rica em acontecimentos históricos: a que vai do Ultimato inglês até à Primeira Guerra Mundial, passando pela queda da monarquia e pelos primeiros anos da república.

Que a realidade ultrapassa muitas vezes a ficção, todos o sabemos, mas este livro prova-o à saciedade.



MANUEL DE QUEIROZ OS PASSOS DA GLÓRIA



Entre a Europa e a América,
a singular história de um artista
e dandy português

OS PASSOS DA GLÓRIA
MANUEL DE QUEIROZ

Autor distinguido com o prémio
P.E.N. Clube 2001 para a primeira obra

B

B
BERTRAND EDITORA



Manuel de Queiroz

nasceu no Porto, em 1948. É arquitecto, actividade que desenvolve em Lisboa, onde reside, sendo autor de numerosos projectos como o do Centro Cultural de Lagos, o do Herbário do Instituto de Agronomia, ou o dos Paços do Concelho de Vieira do Minho. Em 1997 recebeu o prémio A Pedra na Arquitectura pelo projecto do Palácio de Justiça de Arouca.

É, desde 1987, consultor da Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas para a rede nacional de bibliotecas públicas municipais. Membro activo de várias direcções da Ordem dos Arquitectos, entre 1997 e 2001 fez parte da Direcção Executiva do Conselho dos Arquitectos da Europa.

De 1967 a 1974 publicou com regularidade poemas e contos em diversos jornais e revistas e, em 1969, o primeiro livro de poesia, intitulado *Essa*.

O seu primeiro romance, *O Dado az Jorá*, foi galardoado em 2002 com o Prémio P.E.N. Clube para primeira obra.

NOTA BIOGRÁFICA

MANUEL DE QUEIROZ, de seu nome completo Manuel Vaz Pinto de Queiroz, nasceu no Porto em 1948.

Diplomado em Arquitectura pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa em 1976, desenvolve desde então a sua actividade como arquitecto em Lisboa, onde reside, sendo autor de numerosos projectos, entre os quais se destacam o Centro Cultural de Lagos, o Herbário do Instituto Superior de Agronomia de Lisboa o Palácio de Justiça de Arouca, com o qual obteve em 1997 o prémio “A Pedra na Arquitectura”, e o Projecto de Remodelação e Ampliação dos Paços do Concelho de Vieira do Minho.

É desde 1987 consultor do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas para a Rede Nacional de Bibliotecas Públicas Municipais.

Entre 1983 e 2001 foi membro activo de várias direcções da Associação dos arquitectos Portugueses/Ordem dos Arquitectos, a cuja presidência se candidatou em 2001.

Entre 1997 e 2001 foi membro da Direcção Executiva do Conselho dos Arquitectos da Europa.

Entre 1967 e 1974 publicou com regularidade poemas e contos em diversos jornais e revistas (Suplementos Juvenis do *Diário de Lisboa* e do *República*, *Comércio do Funchal* e & etc.)

Em 1969 publicou um livro de poemas intitulado “Encontro”.

O Dedo na Ferida, editado em 2001 pela Editorial Caminho, foi o seu primeiro romance, com o qual ganhou em 2002 o Prémio PEN CLUBE para a Primeira Obra.

Em Março de 2007 publicou, na Bertrand, o romance intitulado *Os Passos da Glória*.

APRESENTAÇÃO
DO LIVRO
OS PASSOS DA GLÓRIA
DE
MANUEL DE QUEIROZ

por

António Manuel Couto Viana

Meus Senhores:

Recordo-me, menino de catequese, depois membro de várias organizações católicas para a juventude, de ansiar, cada ano, pela grande peregrinação a Santa Luzia, entre pendões, cânticos e rezas, promessa da cidade se viesse a escapar àquela maldita gripe pneumónica que proibiu o meu pai de regressar ao *front* e matou mais do que o flagelo da guerra.

Findas as cerimónias religiosas, havia sempre quem estendesse uma toalha entre pinheiros para a abundância de um almoço campestre.

A minha família, por vezes, entregava-se aos prazeres da mesa improvisada (nem só de fé vive o homem!), numa espécie de restaurante à berma da estrada, onde era certa a panela da cabidela de frango, saborosa e apimentada.

Depois, vinha a lição de arte (o espírito também se alimenta). Meu pai pegava-me na mão e ia comigo até ao altar exterior do templo em vagarosa construção, de visita à estátua de Cristo, inclinado sobre a Viana labiríntica de casario; distante, a preguiça azul do Lima; mais distantes, ainda, os pinhais e o areal do Cabedelo, o mar sem limite.

E apontava-lhe a doçura da expressão, as mãos esguias; uma oferecendo-nos o coração amante; outra num gesto de entrega e de paz.

Contava-me, então, com amargor, a ignorância e o mau-gosto de quantos o ridicularizavam e desprezavam, na singularidade daquela atitude.

E, exaltado, citava-me a quadra de um *revisteiro* local, Cândido da Rocha Pereira, que fizera subir ao palco a troça grosseira numa quadra: «Assim como está, / Tão reclinado, / Só visto a correr / ... Pelo outro lado.»

Guiado pela lição de meu pai, ia aprendendo a venerar aquela obra-prima, saída do escopro de um limiano, Aleixo de Queiroz Ribeiro, de que logo decorei o nome.

Mais tarde, já adolescente, devorador da biblioteca paterna, ao folhear, sorridente, as páginas cáusticas d'*A Paródia* bordalesa, lá encontrei outra quadra satírica à curvatura do Cristo da «montanha doirada»: «O escultor Queiroz Ribeiro / Conserva a reminiscência / De ter já visto um argueiro / No olho ... da Providência»

Mas, a descoberta maior que fiz foi o volume *D. Aleixo*, o romance do Conde d'Aurora, comprimido, na estante, entre outras obras de ficção.

Meu pai era amigo fraterno do autor, fixara-o numa caricatura, visitavam-se amiúde. Minhas irmãs e eu éramos companheiros da sua extensa prole, raparigas e rapazes, em bailaricos de romarias minhotas, cavalgadas até aos cimos pedregosos dos montes da Ribeira-Lima, em tempos estivais.

Para espanto meu e abono de meu pai, aquele *D. Aleixo* Visconde da Torre da Moura, era Queiroz Ribeiro, o estatuário Conde de Santa Eulália.

Apaixonado incondicional da prosa queirosiana, senti-me à vontade na leitura das páginas fluentes e elegantes do Conde d'Aurora. E soube-me bem misturar aquele Aleixo com Gonçalo Mendes Ramires: um, mandando tocar os sinos conventuais dos Remédios pelas arcadas do Paço da Glória (Paço porquê?, se entre esses granitos trabalhados não teve leito um rei? – interroga o Conde d'Aurora, agora personagem de ficção, no romance de Manuel de Queiroz); outro, subindo, em noite de triunfo eleitoral, à velha torra da Casa ilustre. Ambos alongando o olhar pelos vastos campos que tão bem souberam descrever, com bucólico lirismo, confirmando o Conde d'Aurora a definição da sua fina sensibilidade feita pela argúcia de António Ferro: «Um poeta que se esqueceu de fazer versos.»

Convicto de ser *D. Aleixo* a correcta biografia do artista arcuense, acreditei, durante anos, que a sua morte fora devida ao desastre aparatoso em que a velocidade desvairada dos cavalos lhe fez destruir o *break* que conduzia e atirou o Conde para a poeira da estrada estreita, inanimado.

Remate ideal para a obra de ficção!

O segundo texto em que reencontrei Queiroz Ribeiro foi num capítulo do livro póstumo de Tomaz de Figueiredo, *Memorial de Ariel*, recém editado pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Naquela prosa vernácula, poética e sarcástica, a um tempo, o escritor evoca *Aleijo*, pois assim Aleixo era alcunhado pelos colegas do Colégio Bracarense do Espírito Santo (em que se incluía o pai do Tomaz), por o considerarem «aleijado do juízo».

Decerto, ignorando versos de Pessoa que lhe acompanhavam a opinião («Sem a loucura, o que é o homem, mais que a besta sadia / cadáver adiado que procria»). Ou: «o amanhã é dos loucos de hoje»), dizia o Senhor Figueiredo para a memória do filho: «Pois é, meu velho...» «A nós, quando temos um pouco de talento, chamam-nos doidos...»

Foram duas as visitas de Tomaz ao Conde de Santa Eulália que, igualmente, teve a tentação de biografar num romance: ao Paço da Glória, onde ele e o pai foram recebidos, já em plena república, com o *Hino da Carta* (esse, que «ginga de rabona», na apreciação maldizente do queiroziano João da Ega) e um almoço fabuloso, onde se serviu um porco inteiro, «que vinha em cima de um tabuão de castanho (...) a ajoujar dois criados.» E, mais tarde, ao Convento de Refojos, onde lhe ouviu «a ideia que o milionário então punha acima de tudo – ia meter mãos à obra – era a de restaurar as celas, mobilá-las a preceito, com catres que parecessem de penitentes, mas de colchão de molas. Isso feito, dava a cada amigo uma cela “agora é tua, não é minha!” entregava-lhe a chave e dizia-lhe: – “Quando quiseres descansar, entra, nem quero que previnas, até to levava a mal. E à hora do almoço apareces: logo vejo que estás ... Cama feita, sempre! E sempre mesa posta!”».

E, a dada altura escreve o romancista:

«Este homem, que era sensível à Beleza e à Grandeza, – duas das faces dum poliedro onde todos os sóis se reflectem –, padeceu de um desgosto como não sei doutro igual: o de ver que lhe deitaram abaixo e derreteram um bronze já alçado em praga, o da estátua de Sousa Martins: bofetão de alto lá com ele. E resistiu, não se matou, continuou a crer na vida e no amor, quis que viesse um convento de frades a ser solar de amigos.»

Infeliz artista que, por um triz, via (onde as grandes almas têm abrigo) a prova pública que lhe resta do seu talento, também derretida.

São as *memórias* de meu pai que mo revelam:

«O Domingos Pinto da Rocha, um dos sacrificados membros da Confraria (Confraria de Santa Luzia), sofreu as horas dolorosas da falta de dinheiro – e muitas foram elas –, para dar andamento com celeridade desejada às obras de conclusão do templo-monumento; com mira a obter capitais, quase se deixou vencer, na sua admiração pela escultura de Queiroz Ribeiro, aceitando a proposta de vender o bronze em que foi fundida, pela quantia de quarenta contos.

Indeciso, quis ouvir-me (eu fazia parte da Confraria), e perante a minha indignação desistiu da resolução que também o contrariava. Mas eu quis saber se tinha justificação o meu parecer sobre o valor daquela obra de arte. Consultei, por

isso, o meu velho amigo e escultor Diogo de Macedo (com quem o meu pai partilhara o *modernismo* dos salões portuenses de 1916), já então Director do Museu de Arte Contemporânea. Vi, então, que não me enganara sobre o valor artístico dessa escultura. E todo o meu trabalho foi sossegar o Diogo de Macedo, que logo desejou provocar medidas oficiais que evitassem o atentado.»

Assim foi salva da fogueira essa etérea imagem do Coração de Jesus, que o Bazar de meu avô, Manuel Martins do Couto Viana, divulgara em postais para o mundo inteiro.

Que diferente a acção salvadora de meu pai, em contraste com a acção demolidora de Fialho de Almeida, «o da tunda da Vila de Frades», como o refere Tomaz de Figueiredo!

Eu próprio louvei a imagem numa quadra dos *Postais de Viana*:

Queiroz Ribeiro modelou-lhe a imagem,
À moda de Rodin, com imenso talento.
Arde-lhe o coração que abençoa a paisagem.
Roga-nos orações e desafia o vento.

Rodin! Conheceu-o e admirou-o o Aleixo, nos atelieres de Paris. Negando, assim, aquele juízo de Fernando Pessoa, ao recusar-lhe eternidade. Que engano grave o do poeta augurando, sim, a imortalidade ao esquecido Catulo da Paixão Cearense!

E eis-nos chegados, finalmente, ao livro de Manuel de Queiroz, romancista laureado já com o prémio honroso do P.E.N. Clube, no ano de 2001, destinado a uma primeira obra de autor.

Parente de Aleixo de Queiroz Ribeiro, atraiu-o, naturalmente, a personalidade do escultor, e, tal como o Conde d'Aurora, decidiu transladá-la para um livro de ficção.

Mas, adverte:

«Este romance, não sendo histórico, baseia-se em personagens e factos reais, investigados e escrutinados até ao limite do possível, através das mais diversas fontes de informação: jornais da época, catálogos, arquivos fotográficos, artigos, ensaios, testemunhos pessoais, etc.»

É ele, pois, para além de nos conceder o prazer da leitura, numa prosa austera, escorreita, ática, na segurança do estilo, a proporcionar-nos um manancial de elementos destinados a divulgar, íntegro, o génio limiano, nas suas excentricidades, na grandeza do seu espírito, no mérito dos seus trabalhos.

O texto tem, como principais cenários, a americana Filadélfia de 1908, 1909 e 1910, quando do namoro e esponsais, com Aleixo, de Sarah Elizabeth, viúva do multimilionário Stetson, criador e divulgador dos chapéus singulares que têm o seu nome. A narradora é uma tal miss Beach, secretária da futura condessa, descrita com caneta de boa e gentil escrita. O ambiente da época, no Novo Mundo, é bem esquiçado, emergindo de uma alta sociedade pretenciosa, do atrevimento e argúcia da classe jornalística. E retrata-nos, com respeito, um Aleixo cinquentão, ainda belo, na aristocracia do comportamento e das falas, já conde por decisão própria, enquanto o irmão Gaspar, poeta e político, lhe não obteve, da real munificência de D. Manuel II, o título nobiliárquico.

Outro cenário, sem dúvida o mais rico de informes e o mais criativo, é o Paris de 1897, quando o Aleixo escultor aprendia, nas Academias, a sua arte, estimada por Rodin, Puech, ou Saint-Gaudens; era premiado no Sallon, com o seu *Êxtase Religioso*, exibia o medalhão do negus Menelec II, esculpido no palácio imperial de Addis-Abebbba, após uma viagem por terra inóspita que os italianos não conseguiram invadir e conquistar.

A boémia finissecular da Cidade da Luz, escola obrigatória dos nossos artistas de então, como a Roma, de séculos atrás, mereceu a Manuel de Queiroz um tratamento literário minucioso e sugestivo, sendo, quanto a mim, as melhores páginas deste *Os Passos da Glória*, narrando-nos a caminhada mais brilhante e mais fecunda de Aleixo, para alcançar uma longa celebridade que, injustamente, os deuses lhe negaram.

Saliento, em todo o romance, o convívio de Gasparinho e do mano Aleixinho. Gaspar Queiroz Ribeiro nascera em 1860, foi deputado em 1919, esteve exilado em Espanha, devido às suas convicções monárquicas, e faleceu em 1928. Poeta, acentuadamente lírico e religioso, publicou apenas três livros, que, todavia, dignificam a Poesia Portuguesa. *Cinzas* (1896), *Caminho do Céu* (1906) e *Folhas Mortas* (1916).

Está esquecido. Nanja por mim, que o antologiei no meu livro *Tesouros da Poesia Portuguesa*.

Porque não citar-lhe, agora, um dos seus poemas de grande emoção lírica?
Intitula-se *Doce Morta*:

«Foi secando aquela dor...

Planta daninha!

Que perfume embriagador

Ela não tinha!

Foi morrendo...o coração

Inda se queixa...

Mas eu fiz uma oração

Da sua queixa.

E, alta noite, vou rezar

Joelho em terra.

O céu olha com pesar,

A sombra aterra.

Mas a lua entra a sair,

Intemerata,

E o luar entra a cair

– Chuva de prata ...

Então a dor que morreu

Surge mais bela...

Quem move os lábios sou eu;

Quem reza – é ela.»

Tais diálogos, não só traduzem a funda amizade que unia os dois irmãos, como são pretexto para informações biográficas; divulgação dos êxitos artísticos de Aleixo; da sua vida íntima; da sua vida sentimental; de todas as esculturas que moldou ou quis moldar...

Os dois únicos cenários limianos do romance são construídos na Ponte de Lima de 1914 e de 1916.

A primeira data noticia o propósito criminoso que alucinou alguns vultos gratos da vila, ao proporem a destruição da ponte romano/gótica, para a construção de uma outra que melhor permitisse a circulação rodoviária. Para buscarem o apoio de Aleixo, no repúdio de tal barbaridade, os jovens Júlio Pinto e o Conde d'Aurora visitaram-no na Quinta da Glória, o que permite a Manuel de Queiroz uma excelente digressão pelos salões do Paço, soberbos de maravilhas, muito louvadas por Aurora.

A segunda data, Abril de 1916, é a narração da tragédia, com que remata o *D. Aleixo* de José de Sá Coutinho.

Manuel de Queiroz, sem lhe negar o arrepio do drama, não deixa de lhe agregar o caricato de um apontamento que lembra o dandi:

«– Oh, diabo, perdi o meu chinó – deu-se conta, de súbito, Aleixo, ao passar a mão pela cabeça.»

E, mais do que as dores nas pernas e nas costas, preocupou-o a perda do postiço, pois aquele foi feito em Paris «e não haveria, decerto, em Portugal, quem lho fabricasse tão perfeito.»

Um ano depois, Aleixo Queiroz Ribeiro Sotto Mayor d'Almeida e Vasconcelos, Conde de Santa Eulália, falecia de «doença prolongada», roído de sofrimento que a volumosa fortuna não pôde debelar.

Concluo a pobreza destas minhas palavras, inspiradas pelo notável romance de Manuel de Queiroz, citando a frase que o autor põe na boca de uma das suas personagens:

«Que os artistas não podem ter uma vida igual aos outros, uma vida burguesa, estável, com todos os confortos e comodidades. Que, para eles, a sua arte está acima de tudo, por mais que isso lhes custe, por mais que seja a solidão e o sofrimento a que isso os obrigue.»

